

REPRODUÇÃO, CORPO E SEXUALIDADES: DIÁLOGOS CURRICULARES COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

REPRODUCTION, BODY AND SEXUALITIES: CURRICULAR DIALOGUES WITH INTEGRATED HIGH SCHOOL STUDENTS

REPRODUCCIÓN, CUERPO Y SEXUALIDADES: DIÁLOGOS CURRICULARES CON ESTUDIANTES DE ESCUELA SECUNDARIA INTEGRADA

Cristiana Rosa Valença¹, Maicon Jeferson da Costa Azevedo²

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar possibilidades curriculares oferecidas por uma instituição ao mesmo tempo em que examinamos as demandas dos estudantes a respeito do tema. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, na qual trabalhamos com questões abertas e fechadas, e cujos dados foram tabulados e analisados por meio de estatísticas simples com uso de tabelas e gráficos. Os resultados revelam a importância da criação de atividades que ultrapassem os limites das disciplinas. Os estudantes defendem uma maior integração entre áreas como um fator fundamental para o aprendizado. A integração Biologia-Sociologia foi considerada ideal pela maioria. As vivências são outro ponto de destaque na visão dos estudantes. Pensar de forma articulada as abordagens sobre a temática é incontornável.

Palavras-chave: Currículo; Ensino de Biologia; Reprodução; Sexualidade; Percepções discentes.

Abstract

The aim of this study was to investigate the curricular possibilities offered by an institution while examining the demands of students on the subject. This is an exploratory qualitative research. We work with open and closed questions. Data were tabulated and analyzed using simple statistics using tables and graphs. The results reveal the importance of creating activities that go beyond the limits of disciplines. Students defend greater integration between areas as a fundamental factor for learning. The Biology-Sociology integration was considered ideal by the majority. The experiences are another highlight in the students' view. Thinking in an articulated way the approaches on the subject is unavoidable.

Keywords: Curriculum; Biology teaching; Reproduction; Sexuality; Students' perceptions.

¹ Doutora em Educação em Ciências e Saúde - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ - Brasil. Professor EBTT - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). Rio de Janeiro, RJ - Brasil. **E-mail:** cristinagiorgi@gmail.com

² Doutor em Educação - Universidade Federal Fluminense (UFF) - Niterói, RJ - Brasil. Professor/Pesquisador - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) - Rio de Janeiro, RJ - Brasil. **E-mail:** maiconbio@gmail.com



Resumen

El objetivo de este estudio fue investigar las posibilidades curriculares que ofrece una institución examinando las demandas de los estudiantes sobre el tema. Esta es una investigación cualitativa exploratoria. Trabajamos con preguntas abiertas y cerradas. Los datos fueron tabulados y analizados utilizando estadísticas simples a través de tablas y gráficos. Los resultados revelan la importancia de crear actividades que superen los límites de las disciplinas. Los estudiantes defienden una mayor integración entre áreas como factor fundamental para el aprendizaje. La integración Biología-Sociología fue considerada ideal por la mayoría. Las experiencias son otro destaque en la visión de los estudiantes. Pensar de forma articulada los planteamientos sobre el tema es inevitable.

Palabras clave: Currículo; Enseñanza de la Biología; Reproducción; Sexualidad; Percepciones de los estudiantes.

1 Introdução

A sexualidade é uma questão inerente à vida de todas as pessoas e envolve práticas e desejos associados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos, à saúde e principalmente, ao exercício da liberdade. O interesse e a curiosidade pelo tema, geralmente, começam a aflorar no período da puberdade e adolescência, quando as pessoas passam por grandes transformações de cunho biológico e comportamental, manifestam questões existenciais e sociais ligadas ao processo de construção de identidade pessoal. Nesse contexto, os estudantes não podem ser considerados meros receptores de informações. Muito pelo contrário, precisam desenvolver atividades que lhes permitam construir sentidos e conhecimentos em meio à enormidade de informações a que estão expostos, em especial pelo avanço das redes sociais.

Nessa fase da juventude, os adolescentes tendem a acumular diversas informações relacionadas à sexualidade e, em grande parte, possuem um corpo de conhecimentos com informações fragmentadas ou que reproduzem mitos, estereótipos, estigmas e práticas não saudáveis instauradas no senso comum reproduzindo, assim, comportamentos e práticas que podem não corresponder às suas próprias convicções e/ou orientação sexual (LOURO, 2003; MACEDO et al, 2013). Além disso, muitos jovens não encontram espaço para discussão de temas relacionados à sexualidade e às questões de gênero no ambiente familiar, constituindo suas fontes de informações a partir dos amigos e da mídia. Dessa forma, é importante que a escola se faça presente, promovendo situações de aprendizagem que estejam vinculadas às questões também ligadas a sexualidade, pois pode ser este, em muitos casos, o único ambiente em que estes aspectos poderão ser tratados.

Contudo, no âmbito escolar, os temas acerca de sexualidade e gênero historicamente não encontram prioridade nos currículos e, normalmente, dispõe-se de pouco tempo para serem debatidos. No caso da disciplina escolar de Biologia, geralmente se oferece para os estudantes informações situadas somente no que se refere à reprodução sexual e às questões de prevenção e saúde, talvez uma herança de nosso passado higienista. Dessa forma, as discussões relacionadas às questões de gênero e de aspectos da sexualidade – como a dimensão afetiva, identidade e performance de gênero e orientação sexual, tidos por muitos como assuntos do campo das ciências sociais, ao longo do tempo têm sido deixadas de fora das aulas de Biologia.



Por outro lado, os jovens, sobretudo os que possuem orientações sexuais não heterossexuais, o que tem sido chamado de sexualidades dissidentes, vêm tensionando os ambientes escolares em busca de espaço e reconhecimento criando, com frequência, redes de apoio entre seus semelhantes (COUTO JUNIOR, OSWALD, POCAHY, 2018). Também aqueles jovens que não se alinham aos padrões heteronormativos, tendo uma performance diferente da esperado para o seu gênero ou que não se encaixam na tradicional binaridade de gênero, igualmente reivindicam sua não invisibilidade nos espaços escolares.

Ocorre que, no cenário atual, no Brasil e no mundo, identifica-se um intenso debate em torno de aspectos da sexualidade e questões de gênero, como por exemplo, as discussões sobre abrangência e limites das dimensões biológica e do social, refletidas no dualismo gênero *versus* sexo biológico; a luta pela igualdade de direitos entre os gêneros e pela descriminalização do aborto e direito ao aborto legal e seguro; a violência sexual e de gênero e as reivindicações de grupos LGBTQIA+ por reconhecimento e políticas públicas que os contemplem. O acirramento de disputas ideológicas e políticas em torno dessas questões refletem no campo educacional, mas o inverso também acontece.

Em tempos de tentativas deliberadas de silenciamento das minorias entendemos que a formação escolar não pode silenciar estas vozes e estar descolada das questões sociais que envolvem o ensino. Nesse sentido, corroboramos com os questionamentos de Horton e Freire (2011) sobre o ensino engajado de Ciências e Biologia: “Um professor de Biologia deve saber Biologia, mas é possível ensinar Biologia apenas? É possível ensinar Biologia sem discutir as questões sociais? É possível estudar o fenômeno da vida sem discutir exploração, dominação, liberdade, e assim por diante?” (HORTON; FREIRE, 2011, p.116).

A história da educação brasileira nos tem feito acreditar que sim, contudo, compreendemos que hoje não é admissível que o Ensino de Ciências e Biologia se coadune com uma postura reducionista que privilegia uma perspectiva biologizante (SANTANA; WALDHELM, 2009) e retire de nossos estudantes a possibilidade de analisar e discutir vulnerabilidades, vinculadas aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas. Afinal, a educação libertária e democrática que tanto almejamos não pode ser construída a partir do silenciamento e do apagamento de questões fulcrais que podem contribuir para o desenvolvimento dos aspectos físico, psicoemocional e social de nossos estudantes, situando-os como sujeitos de suas próprias histórias.

Compreendemos, ainda, que a relevância desta discussão sobre sexualidade e gênero transcende a questão pedagógica e se articula, de forma veemente, a questões de saúde individual e coletiva. É o que o aumento alarmante e drástico do número de casos de AIDS e outras IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) entre a população jovem brasileira (BRASIL, 2012) tem evidenciado. Assim, são importantes os esforços para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes de forma a colaborar para a prevenção de IST e minimizar problemas emocionais e sociais (ANDRADE et al., 2012).



Diante do exposto o presente artigo decorre do trabalho articulado entre dois projetos de pesquisa institucional. O primeiro se ocupa de mapear o repertório de conhecimentos, as dificuldades e principais demandas dos estudantes a respeito de temas relacionados à sexualidade e gênero. O segundo busca investigar processos de produção curricular no novo currículo para o ensino de Biologia. Neste estudo específico procuramos (re)pensar o ensino da disciplina escolar Biologia no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, a partir de tecnologias curriculares³ oferecidas pela instituição, ao mesmo tempo em que intencionamos investigar as principais demandas dos estudantes a respeito de temas relacionados à gênero e sexualidade. Desse modo, espera-se ser possível o desenvolvimento de estratégias de ensino coerentes com a realidade dos jovens estudantes, a criação de estratégias didáticas para abordagem do tema e a potencialização do currículo para o ensino de Biologia, em especial sobre a temática na instituição escolar em questão.

2 O contexto escolar

Nesse cenário, cabe conhecer um pouco o contexto escolar onde se desenvolveu o projeto. A escola que ambienta a investigação é uma instituição da rede federal que oferece, dentre outras possibilidades, a modalidade de ensino médio integrado (EMI), ou seja, a formação básica e a formação profissional são planejadas de forma articulada em um mesmo projeto político pedagógico para a formação integral de seus estudantes. O projeto institucional caminha no sentido de formar o ser humano em sua integralidade física, mental, cultural, política e científico-tecnológica (CIAVATTA, 2005). As disciplinas básicas e as profissionalizantes são integradas sendo oferecidas concomitantemente em turno único para os estudantes que cursam os quatro anos do EMI em uma das onze modalidades profissionalizantes oferecidas pela instituição na unidade que ambienta a investigação. Na referida modalidade de ensino médio, a formação básica e a formação profissional são indissociadas sendo vedado ao estudante formar-se apenas em uma dessas áreas.

No contexto da Educação Profissional e Tecnológica, em que a formação integral dos estudantes é um pressuposto, o currículo integrado possibilita a ampliação das possibilidades de análise de uma mesma situação por diferentes óticas (AZEVEDO, 2014). Neste sentido, o corpo docente da unidade escolar elaborou um currículo próprio, estruturado a partir dos princípios norteadores estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional e Tecnológica (DCNEPT) (BRASIL, 2012).

De acordo com Azevedo (2018) o currículo produzido para o ensino de Biologia se organiza pelos princípios da Politecnicidade e no conceito de Trabalho como princípio educativo. A proposta é formar homens e mulheres, profissionais técnicos de nível médio, autônomos,

³Ao nos referirmos às tecnologias curriculares estamos fazendo menção aos Núcleos Temáticos oferecidos pelo novo currículo para o ensino de Biologia da instituição (melhor apresentado nas páginas seguintes). Entendendo-os sob a mesma ótica das disciplinas escolares no mesmo molde em que Lopes (2005) o faz, como uma “tecnologia de organização curricular.” (p. 265)

críticos de seu papel social, capazes de construir argumentos sólidos e fundamentados que sustentem suas escolhas pessoais, políticas e profissionais em um futuro próximo. A possibilidade de um currículo para o ensino de Biologia assim orientado se concretizou pelo fato de esta escola ser uma IES (Instituição de Ensino Superior), possuidora de autonomia para elencar disciplinas, abrir cursos e construir currículos. Frigotto (2007) destaca que as “escolas desta modalidade” são lócus privilegiados para a realização de uma educação capaz de oferecer os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e das diferentes dimensões da vida.

Da mesma forma, concordamos com Saviani (2002) para quem o modelo escolar adotado reúne bases materiais e pedagógicas para a realização de uma educação politécnica. Dessa forma, a partir de 2013 a disciplina passou a ter seu currículo organizado em Núcleos Temáticos, o que ocorreu simultaneamente à mudança para o sistema integrado. Foram elencados 6 Núcleos Temáticos (NT) com duração de um semestre cada: 1º NT Biologia, Ciência e Tecnologia; 2º NT Diversidade da vida; 3º NT Reprodução e sexualidade; 4º NT Alimentação e saúde; 5º NT Ser humano e ambiente; 6º NT Biotecnologia. (AZEVEDO, 2018)

Os Núcleos Temáticos foram distribuídos ao longo de três, dos quatro anos, da formação do ensino integrado contando com dois tempos semanais, com exceção curso de Informática e Segurança do Trabalho que, em função de uma outra distribuição teve a disciplina de Biologia em apenas dois anos (no 1º ano estas turmas têm carga de quatro tempos semanais e no 2º semestre do 2º ano são dois tempos semanais).

Concordando com Goodson (2001) para quem o entendimento de que as disciplinas escolares atendem a demandas sociais, sendo constituídas e influenciadas por interesses e relações de poder e controle, compreendemos o currículo criado como ponto de partida para a desnaturalização e a problematização do conhecimento escolar veiculado pelas disciplinas, em particular pela disciplina escolar. Buscamos (re)pensar os processos de estabilidade e mudanças dos conteúdos disciplinares (GOODSON, 2001) e não no sentido de ajustamento ou acomodação aos diferentes cursos profissionalizantes oferecidos, uma vez que, nesta proposta a escolha dos temas foge a uma perspectiva eminentemente progressivista e se aproxima das questões que tradicionalmente permeiam as discussões sobre a EPT. (AZEVEDO, 2014). Os temas foram definidos em função dos princípios norteadores propostos nas Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação Profissional e Tecnológica (DCNEPT) de 2012, considerando o desenvolvimento crítico da comunidade escolar.

Esse cenário produziu demandas até então inexistentes, novos parâmetros foram necessários, novas formas de seleção e organização dos conteúdos foram produzidas. Os conhecimentos escolares foram sistematizados em função das práticas pedagógicas que cada um dos temas suscita. No currículo por núcleos temáticos desta escola os conteúdos são organizados para dar conta de temáticas mais amplas. Os conhecimentos escolares funcionam como um meio, um veículo para se atingir objetivos relacionados à formação integral dos estudantes, e não um fim em si mesmo, como tradicionalmente é visto. (AZEVEDO, 2014).



Nessa perspectiva o currículo é entendido não como algo pronto, (GOODSON, 1995) sendo reavaliado periodicamente a fim de que os objetivos de ensino e aprendizagem sejam alcançados ou mesmo repensados e o ensino de Biologia contribua, de fato, para a formação integral de seus estudantes.

Nesse cenário, a EPT não pode estar dissociada de uma formação humanista que, inexoravelmente, repercute positivamente no enfrentamento de racismos, machismos, LGBTQIA-fobias e outras opressões e desigualdades que se fazem presentes na sociedade (VALENÇA; CARVALHO, 2021) e o ensino de Biologia tem papel fundamental nesse enfrentamento. Cientes da relevância da temática da sexualidade, do entendimento dos corpos e das questões de gênero, ao elaborar o novo currículo para o ensino de Biologia na unidade em que a investigação se deu, decidiu-se constituir um espaço curricular para discussão do tema. É importante destacar que esta opção se opõe diametralmente a uma perspectiva que subalternize o tema, tratando-o como apenas como conteúdo transversal ou como um tópico a ser explorado entre disciplinas. Esta opção confere conscientemente centralidade ao tema. O Núcleo Temático Reprodução, Corpo e Sexualidade é apresentado a seguir.



Figura 1. *Objetivos e ementa do Núcleo Temático Reprodução, Corpo e Sexualidade.*

Disciplina: Biologia II – NT Reprodução, Corpo e Sexualidade	Ano: 2º ano/ 2º semestre
<p>Objetivos de aprendizagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreender as diferentes formas de reprodução dos seres vivos. - Identificar no processo reprodutivo a transferência de material genético para uma próxima geração e suas implicações evolutivas. - Compreender a reprodução humana em sua dimensão biológica a partir da integração dos diferentes sistemas envolvidos. - Identificar as principais etapas da gravidez e desenvolvimento embrionário humano. - Reconhecer a reprodução como um dos múltiplos aspectos da sexualidade humana. - Problematizar a sexualidade humana como campo de discussões de conceitos como gênero e identidade. - Reconhecer componentes psicológicos, sociais, econômicos, históricos e culturais da sexualidade humana. - Reconhecer e valorizar o autoconhecimento sobre o corpo e a adoção de práticas promotoras da saúde individual e coletiva. - Debater questões contemporâneas sobre corpo e sexualidade tomando por base padrões éticos de respeito à diversidade. - Reconhecer a importância de combater estereótipos, discursos e práticas pautadas no preconceito e discriminação. 	
<p>Ementa: Tipos de reprodução dos seres vivos. Noções de hereditariedade e suas implicações evolutivas. Noções de embriologia humana, diferenciação celular e células-tronco. Anatomia e fisiologia do sistema genital humano. A Biologia como uma das múltiplas dimensões constituintes da sexualidade humana. Relação entre corpo, gênero e sexualidade. Saúde e sexualidade.</p>	
<p>Conceitos estruturantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reprodução, Evolução biológica, Formas de reprodução, Herança. - Saúde, IST, Gravidez, Contracepção, Aborto. - Corpo, Anatomia reprodutiva, Fisiologia, Coordenação. - Sexualidade, Adolescência, Juventude, Sexo biológico, Gênero. 	

Fonte: Projeto pedagógico do curso técnico integrado ao Ensino Médio

O NT parte inicialmente de uma perspectiva de cunho mais biológico, investigando a reprodução como evento evolutivo fundamental para manutenção da vida no planeta. Explorando a diversidade de formas de reprodução encontradas nos diversos seres vivos como uma vantagem evolutiva. Problematizando os contextos biológicos em que estão inseridas, questionando o quanto podem ou não ser determinante para a sobrevivência dos grupos que possuem ou não uma determinada forma de reprodução. Consiste, por exemplo, em problematizar o quanto a viviparidade da maior parte dos mamíferos foi capaz de influenciar na hegemonia deste *taxon* no ambiente terrestre, para, enfim, trabalhar a reprodução humana em suas múltiplas dimensões.

A partir desse ponto o NT se desdobra e expõe a possibilidade real e concreta do abrandamento das fronteiras disciplinares (BERNSTEIN, 1996), pois, para dar conta do tema, o ensino de Biologia irá precisar de conhecimentos que estão além do escopo disciplinar. O auxílio de diferentes áreas do conhecimento para fundamentar as discussões que envolvem as diversas dimensões da sexualidade humana bem como as discussões relacionadas a gênero é uma necessidade inerente ao trabalho em uma perspectiva mais ampla. O objeto deste núcleo traz inexoravelmente a contribuição de outras áreas, como a Sociologia, a Antropologia, a História e a Psicologia, que em ação conjunta com a Biologia e a Saúde, podem robustecer uma discussão sobre corpos e pessoas que caminha para além de uma visão biologizante. Tal perspectiva avança sobre um discurso acerca do tema tradicionalmente higienista que privilegia aspectos médicos, anatômicos e fisiológicos, cuja visão sobre o corpo se restringe a fisiologia e anatomia do aparato reprodutivo.

A discussão sobre os corpos, incluindo as diferentes dimensões sociais, históricas, políticas e culturais, possibilita analisar formas de expressão destes mesmos corpos. E, por conseguinte, refletir sobre como as pessoas se identificam e se relacionam. O objeto de estudo deste NT possibilita o avanço para o trabalho com conceitos sobre os corpos biológico e social, o corpo feminino, as sexualidades, a construção das masculinidades e feminilidades, os discursos normativos e as relações de poder que se estabelecem entre as relações de gênero, bem como questionamentos sobre a ruptura da binaridade.

Também oferta a possibilidade de trabalho com o respeito à diversidade dos corpos e das identidades sexuais, a saúde da mulher e do homem, privilegia discussões sobre os movimentos de lutas pela equidade e respeito às mulheres e outros grupos sociais, que demandam políticas de inclusão social listados no anexo do Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 (BRASIL, 2009), a participação da mulher na Ciência e as políticas de apoio de diferentes identidades das masculinidades e feminilidades no Brasil. E por fim, o desenvolvimento dos corpos jovens, explicitando as relações que existem entre as transformações internas e externas, discutindo a sua importância social e política, bom como refletindo sobre as diversas juventudes em diferentes contextos.



É relevante mencionar que este NT pode ser considerado abrangente e progressista diante da realidade dos currículos oficiais, uma vez que discute a temática da reprodução e da sexualidade durante um semestre inteiro com protagonismo e não à margem de outros conhecimentos. Ao mesmo tempo, deve-se admitir que a parte relativa às discussões de gênero e à articulação entre as diversas dimensões da sexualidade humana, principalmente, está ao final do núcleo ficando muitas vezes suscetível a uma abordagem acelerada em face das demandas do calendário escolar. Outro aspecto a se considerar é que esse NT representa um enorme desafio pedagógico para o corpo docente da instituição, que reconhece a complexidade do tema e o domínio desigual dessas dimensões, necessárias para o pleno desenvolvimento do tema, o que varia também de acordo com a formação, interesses pessoais e dificuldades de abordagem da temática.

Percebendo essa lacuna na formação docente e interessados em trabalhar com essa demanda para aprimorar o processo de ensino, consideramos fundamental conhecer as percepções e pleitos dos jovens estudantes sobre a temática. Desse modo, tem-se subsídios para melhor construir um currículo e as práticas docentes de modo a fornecer um ensino relevante e que atenda às exigências dos jovens estudantes.

3 Procedimentos metodológicos

O estudo aqui apresentado é parte de um projeto de pesquisa institucional que visa apresentar levantamentos de dados e análises das representações (percepções, valores e opiniões) dos estudantes do ensino médio integrado da própria instituição. Dessa forma, esta investigação busca mapear o repertório de conhecimentos, as dificuldades e principais demandas dos estudantes a respeito de temas relacionados à sexualidade para que seja possível o desenvolvimento de estratégias de ensino coerentes com as demandas internas, a realidade institucional e a potencialização do ensino sobre a temática.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que de acordo com Minayo (2016):

[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (p.21).

A abordagem qualitativa permite ao pesquisador compreender as perspectivas dos participantes sobre o tema trabalhado, compreender o referencial simbólico, os códigos e as práticas circulantes no grupo entrevistado. Nesse sentido, buscamos fazer uso da abordagem qualitativa visando compreender as questões investigadas, a partir da perspectiva dos participantes, explorando suas percepções, atitudes e reflexões sobre o tema.

Sendo assim, recorreremos/adotamos à pesquisa exploratória que “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” (GIL, 2008, P. 27). Nesse tipo de pesquisa existe a possibilidade de se proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.

O primeiro passo para iniciar a coleta de dados foi a análise do espectro da sexualidade circulante entre os estudantes da instituição pesquisada. Assim, optamos por elaborar dois tipos de questionário com questões abertas e fechadas, disponibilizados para os alunos dentro das próprias salas de aula da instituição e, também, por via on-line, através do *Google Forms*. O questionário, segundo Gil (2008), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (p.128).

A escolha pelos questionários como ferramenta de coleta de dados se justifica pela facilidade em atingir um certo número de participantes com baixo custo e ainda com agilidade para o tratamento dos dados levantados. As questões propostas objetivaram coletar, ao menos em parte, os pensamentos e conhecimentos da comunidade jovem relativos a assuntos atrelados à Sexualidade, tais como: IST, Gênero, Diversidade Sexual, Femicídio, entre outros, assim como seus interesses em relação aos assuntos vinculados às temáticas de sexualidade e gênero e suas opiniões em relação a abordagem dos temas. O recorte aqui são os dados coletados a partir do *Google Forms*, uma vez que a pandemia de SarsCov-2 (COVID 19) nos obrigou a interromper os levantamentos, que diziam respeito principalmente aos interesses em relação às temáticas e as opiniões discentes quanto a abordagem dos temas. Participaram da pesquisa 95 estudantes do EMI da instituição.

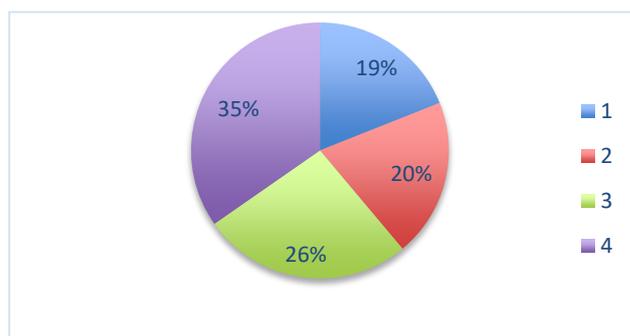
É preciso destacar que os dados quantitativos foram tabulados e analisados por meio de estatísticas simples com uso do *Microsoft EXCEL* e tabelas e gráficos automatizados criados pelo programa com o intuito de facilitar a tabulação e análise desses dados nos próximos anos de projeto. Os números percentuais foram arredondados de acordo com o princípio dos algarismos significativos, o que pode acarretar um percentual que ultrapassa um pouco os 100%.

As questões abertas – uma que visava saber se os estudantes compreendiam a distinção entre sexo e gênero e outra, opcional, onde era perguntado se tinham sugestões sobre as melhores formas de abordagem pedagógica sobre as temáticas investigadas – foram analisadas de acordo com a metodologia qualitativa de análise de conteúdo, na linha de Bardin (2011), que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A organização da análise; a codificação de resultados; as categorizações; as inferências; e, por fim, a informatização da análise das comunicações.

4 Resultados e discussão

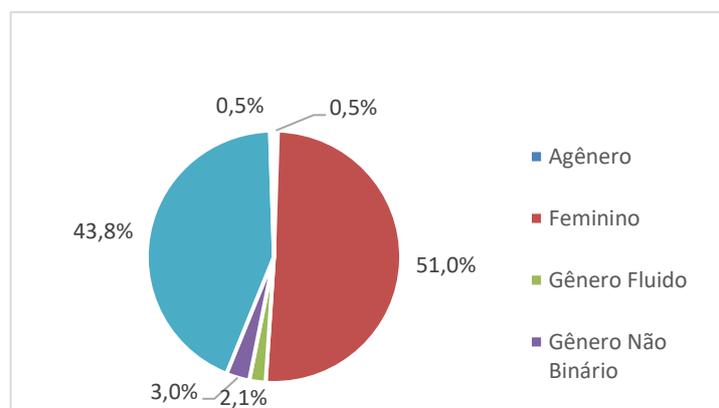
No segundo semestre de 2020 responderam à pesquisa 95 estudantes do ensino médio integrado da “ESCOLA FEDERAL”. Em várias questões os discentes puderam escolher mais de uma opção de resposta. A seguir são apresentados os dados.

Figura 2. Gráfico da questão “Qual a sua série?”.



Fonte: dados da pesquisa

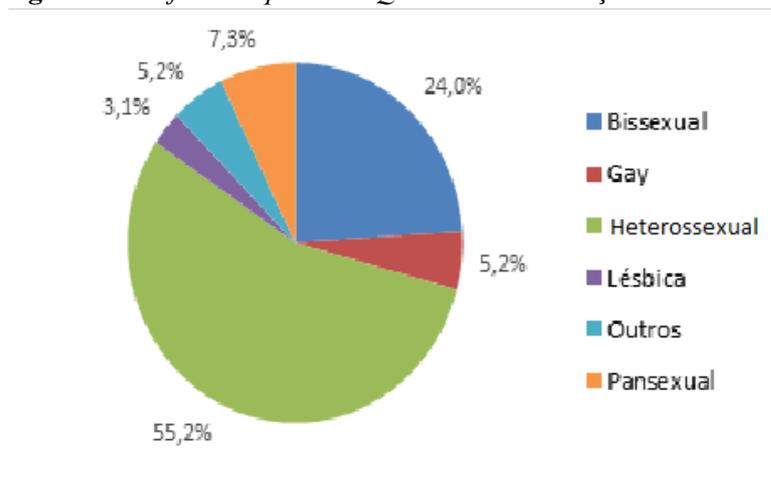
Figura 3. Gráfico da questão “Com qual gênero você se identifica?”.



Fonte: dados da pesquisa

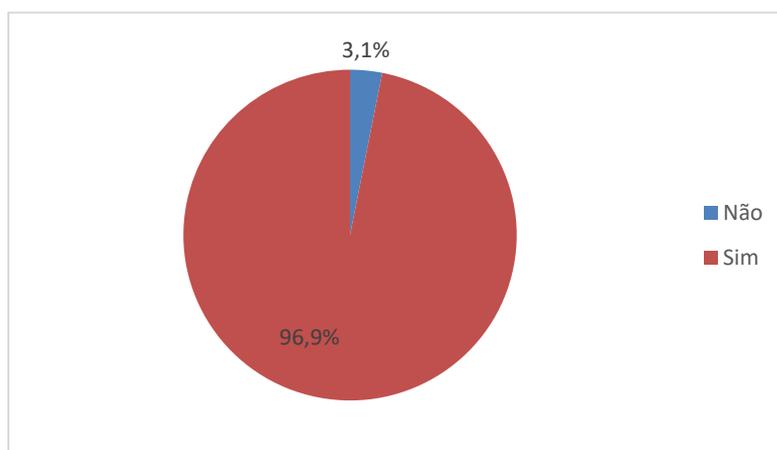
Outras respostas foram: agênero (0,5%), gênero não binário (3%) e não responderam (0,5%).

Figura 4. Gráfico da questão “Qual a sua orientação sexual?”.



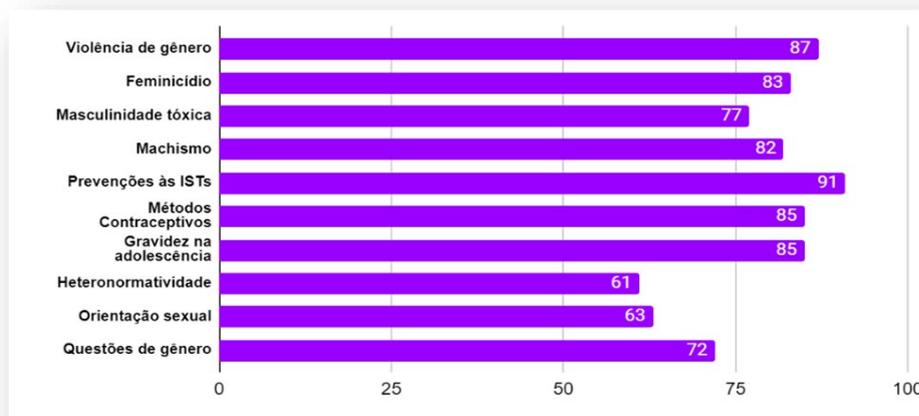
Fonte: dados da pesquisa

Figura 5. Gráfico da questão “É importante discutir a sexualidade no ambiente escolar?”.



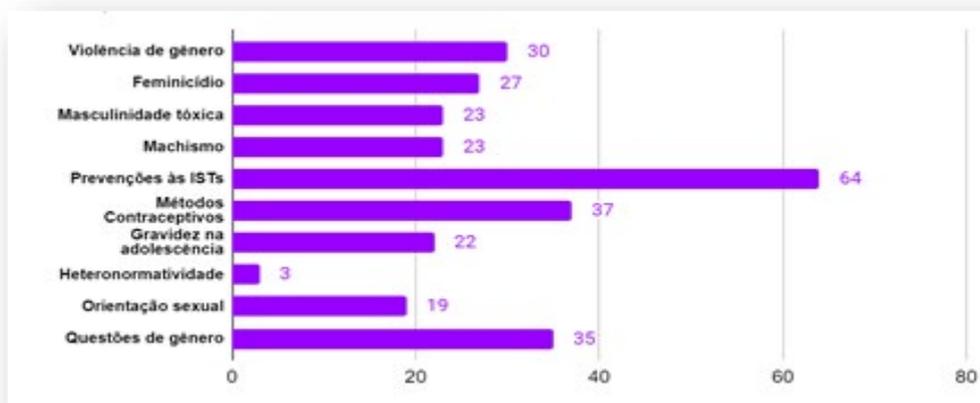
Fonte: dados da pesquisa

Figura 6. Gráfico da questão “Para você, quais os temas pertinentes ao debate sobre a Sexualidade?”



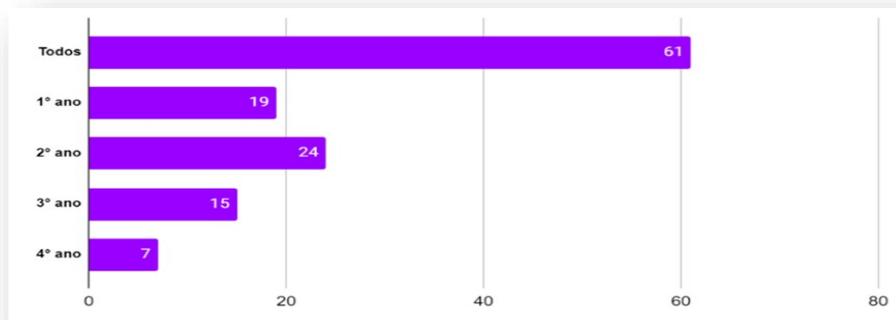
Fonte: dados da pesquisa

Figura 7. Gráfico da questão “Escolha até três temas, entre todos os outros, que você considere fundamentais de serem abordados em aula”.



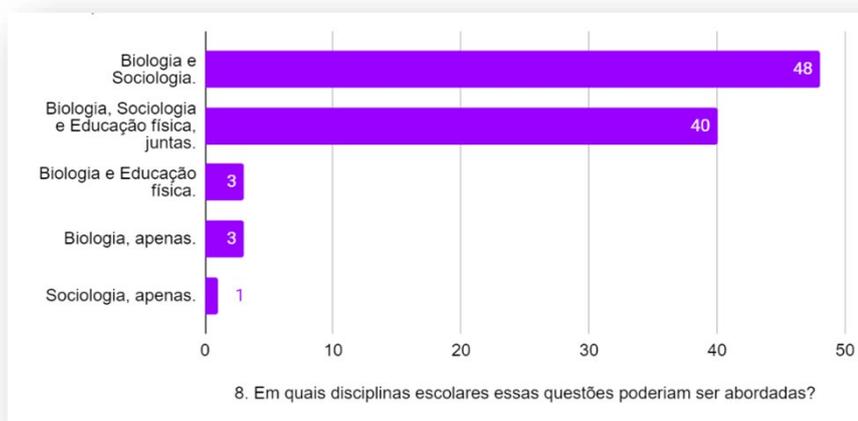
Fonte: dados da pesquisa

Figura 8. Gráfico sobre o momento acadêmico julgado como ideal para a discussão da temática



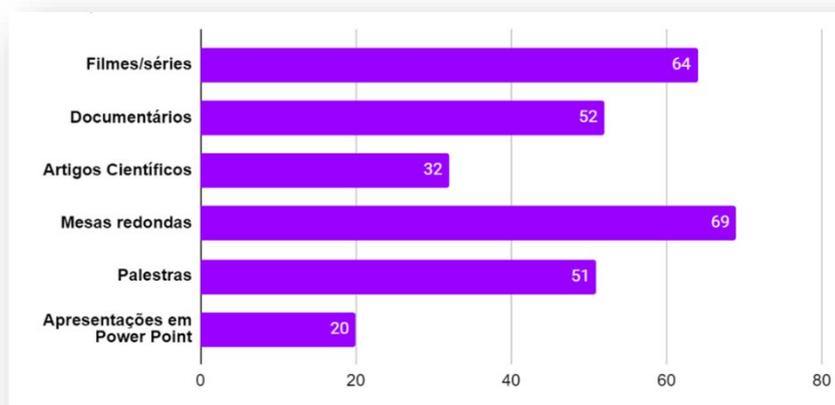
Fonte: dados da pesquisa

Figura 9. Gráfico da questão sobre possíveis integrações entre as disciplinas para o debate.



Fonte: dados da pesquisa

Figura 10. Gráfico da questão sobre as estratégias de ensino mais interessantes para a abordagem.



Fonte: dados da pesquisa

Figura 11. Respostas à questão com sugestões complementares de metodologias de ensino.

10. Caso você tenha outras sugestões possíveis de metodologias de ensino acerca do tema, fique a vontade para sugerir-nos no espaço abaixo :)

8 respostas

Jogos sobre o tema seriam interessantes.

Teatro

Minha sugestão é que nessas palestras , sejam trazidas pessoas que vivem aquela determinada realidade.

debates ou simulações

Uma roda de debate entre alunos e o professor.

Relatos pessoais, aqueles que saíssem de um dado apenas. Trazer alguém que sofreu pela determinada questão.

Há várias maneiras de discutir e opinar sobre esse assuntos, não somente nas matérias ditas, como um exeplo: em uma aula de produção textual, ter a oportunidade de dialogar e escrever sobre, também seria importante ou até mesmo um debate, todos esses assuntos podem atingir bem mais.

Vítimas de violência dando testemunho de como lidaram com os abusos

Fonte: dados da pesquisa

Figura 12. Quadro com as respostas à questão
 “Você sabe explicar qual a diferença entre sexo e gênero? Qual?”.

"Sexo está ligado à questão biológica e às genitais enquanto gênero é um sistema hierárquico no qual são englobadas e atribuídas características sociais ao sexo. Gênero tem a ver com a sua própria identidade, como você se enxerga no mundo. O sexo biológico é aquele em que as pessoas aparentemente nascem, definido pela genitália. O gênero vai muito além da genital, o que acredito ser a principal diferença (...)."	80%
“Não sei.”	17%
Não responderam	3%

Fonte: dados da pesquisa

Estudantes de diferentes séries responderam à pesquisa, com predomínio da 4ª série, porém com distribuição equilibrada entre as séries (Figura 2). A maioria pertencente ao gênero feminino (Figura 3) e de orientação heterossexual, embora quase metade tenha se declarado de orientações sexuais diversas, com predomínio da bissexualidade (Figura 3). Os resultados mostram que os estudantes manifestam muito interesse em relação à vida sexual, como a prevenção às IST e a gravidez precoce associadas a aspectos da sexualidade, às questões de gênero e orientação sexual.

A juventude não pode ser considerada um grupo homogêneo, suas atuações, necessidades, contextos, performances e práticas de socialização entre jovens mostram, em certa medida, essa diversidade, assim como posicionamentos e formas de entender o mundo. Nessa mesma direção, os dados revelam que essa diversidade também se materializou nas orientações sexuais (Figura 4). Dessa forma, é possível inferir que o ensino de Biologia, ao abordar as questões relativas à sexualidade e em respeito e promoção da cidadania deve ser guiado por um discurso inclusivo e abrangente. Tal observação não se deve apenas à necessidade de inclusão da discussão no que se refere à diversidade sexual e de gênero no contexto escolar, mas também pela construção de um ambiente de acolhimento para os estudantes. A realidade das salas de aula mostra que muitos estudantes não têm acesso ao diálogo sobre a temática em seu ambiente familiar. Portanto, a inclusão e o acolhimento são fundamentais para que as funções educacionais e pedagógicas do ensino de Biologia possam ser alcançadas.

A heteronormatividade impõe a pecha de “desvio” a tudo aquilo que não está enquadrado como normal. Coelho e Campos (2015) destacam que os significados impostos sobre sexualidade levam muitos indivíduos a não se reconhecerem como “normais” e buscarem um padrão socialmente aceito, muitas vezes ceifando uma visão mais aberta e dinâmica com relação à sua própria sexualidade. Os autores destacam que o “policiamento” constante pode impedir que as pessoas percebam como seus corpos e suas vivências afetivas e sexuais são controlados e influenciados por significações compartilhadas, muitas vezes, de forma “natural” ou imperceptível, em diversos contextos sociais.

[...] a família, com o seu silêncio ou discursos repressores e confusos; a igreja, com seus valores dogmáticos; a escola, pela sua omissão de responsabilidade na formação do ser humano; os meios de comunicação, com a exacerbação e banalização de sentimentos, e pela mercantilização do corpo humano, do afeto e do sexo, são algumas das instâncias que mais interferem na formação da concepção de sexualidade no indivíduo. (MARIUZZO, 2003, p. 27)

Ademais, pode-se constatar que os estudantes participantes deste estudo, em sua maioria, possuem conhecimentos claros e assertivos sobre o dualismo Gênero / Sexo biológico (Figura 12), assumindo como discurso o seguinte modelo: “Gênero é o qual indivíduo se identifica e Sexo biológico é o qual o indivíduo nasce, ou seja, a diferença de genitais”. Entretanto, é importante lembrar que cabe ao ensino de Biologia contribuir para o entendimento pelos discentes dos conceitos de gênero e sexo biológico, no intuito de evitar a reprodução de estigmas e preconceitos, mas, também, refletir sobre as opressões e desigualdades.

Outro dado relevante que os dados nos permitem discutir diz respeito ao nível de importância social da educação sexual nas escolas. 96,9% dos estudantes reafirmam majoritariamente a sua relevância e demonstram interesse pelo assunto (Figura 5). Como exemplo, podem ser destacados a “prevenção às IST”, “violência de Gênero”, “feminicídio”, “métodos contraceptivos” e “gravidez na adolescência” que são questões presentes na realidade juvenil brasileira e, conseqüentemente, necessitam ser abordadas nas escolas.



Cabe aqui destacar, como um dado informativo, que foi feita por um estudante de Iniciação Científica⁴ uma pesquisa do tipo enquete a partir da plataforma *Instagram* com estudantes dessa escola. Embora tais dados não sejam objeto desta análise, fornecem alguns elementos importantes de compreensão da pesquisa aqui narrada. O objetivo da referida enquete foi verificar os conhecimentos dos jovens a respeito de um dos campos mais importantes do tema: a prevenção às IST. Participaram 165 jovens e pôde-se analisar aspectos que evidenciam a importância da disseminação de informações. Os dados também nos permitem compreender que os estudantes participantes deste estudo possuíam um conjunto de saberes prévios ricos sobre cuidados em relação a infecções sexuais mais conhecidas, como o HPV, a Sífilis e o par HIV-AIDS. Porém, é preciso ressaltar que muitas vezes, tais informações apresentavam-se de modo enviesado, fragmentado e atravessado por concepções presentes no senso comum, frequentemente marcadas pela incoerência.

Talvez a evidência mais significativa nesse contexto seja o contraste de resultados encontrados entre os gráficos das afirmativas "Beijo na boca pode transmitir IST" e "Sexo oral sem camisinha pode transmitir IST", uma vez que a maioria do universo de votantes considerou assertivo a última (95%) e, ao mesmo tempo, dividiu-se no que tange à afirmação da primeira, com 50% considerando como verdade e outros 50%, como mentira. Isto é, embora grande parte do universo de jovens considere o sexo oral desprotegido nocivo à saúde, esse também não garante proteger-se de potenciais contaminações via beijos, ou mesmo ao não concordar que "Usar roupas íntimas de outros pode transmitir IST" (40% dos votantes julgaram como falso tal possibilidade) e, desse modo, podem sujeitar-se a riscos de contaminação desnecessários. Além disso, 21% dos respondentes concordaram com a assertiva "IST sempre apresentam sintomas" revelando que os jovens participantes ainda creem na manifestação de sinais e/ou sintomas para que se possa estar infectado, o que alerta para os riscos de saúde dessa parcela devido à desinformação revelando a extensão de conhecimentos provenientes do senso comum e a necessidade de uma reeducação nesse assunto.

É importante considerar que se por um lado tem voltado a aumentar o número de jovens infectados por IST (tal qual exposto na introdução), por outro lado, a abordagem referente às questões de prevenção às IST e à gravidez precoce concentram-se na “pedagogia do terror”, na qual são apresentadas imagens de genitais afetados pelas IST aos jovens, como se isto bastasse para que praticassem sexo seguro.

Não se sabe ao certo o motivo para este aumento da AIDS entre os jovens – talvez por não terem vivenciado o surgimento da AIDS na década de 1980 e as campanhas que se seguiram nas décadas seguintes, estes jovens não tenham a real percepção do risco das IST. Mas, o que se observa é que as escassas campanhas atualmente não dialogam diretamente com o público jovem, pelo menos não de maneira objetiva, informal e não heteronormativa, desconsiderando,

⁴ Este estudo em específico fez parte do projeto de pesquisa em Iniciação Científica para o Ensino Médio desenvolvido por Raony Chinavane (nome fictício cujos motivos estão explicitados nos agradecimentos) e se encontra depositado na forma de relatório final de Projeto PIBIC-EM da instituição pesquisada.

assim, a diversidade sexual existente. Devemos lembrar também que chegou a ser proposto por Damares Alves, então Ministra da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos, a abstinência sexual como uma política pública a orientar um comportamento esperado de nossos jovens. Após muitas críticas a ministra acabou recuando, no entanto há que se reconhecer a presença de uma ideologia em voga na qual o controle dos corpos e das sexualidades dissidentes é a mola condutora assim como, nesta visão, os papéis de gênero estão marcados biologicamente (nesta hora o determinismo genético costuma ser alavancado para estipular o que deve ser visto como normal, ou não).

Quanto à pergunta sobre o momento ideal para a discussão do tema (Figura 8), os respondentes manifestaram diferentes posicionamentos. Todavia, a maior parte considera adequada a inserção do tema desde o 1º ano do Ensino Médio até o final do segmento escolar. Sob essa lógica, a educação acerca da sexualidade acompanharia o desenvolvimento da maturidade dos jovens e contribuiria para mitigar os efeitos negativos das questões supracitadas.

Outro ponto interessante da pesquisa é que os dados nos levam a crer que os estudantes entendem que uma maior integração entre as disciplinas é um fator fundamental para o aprendizado pleno em relação ao tema (Figura 9). De acordo com o levantamento, a integração Biologia-Sociologia é considerada ideal para 50,52% dos participantes, ao passo que a união Biologia-Sociologia-Educação Física, é adequada para 42,10% do geral. Nesse sentido os dados encontrados por este estudo parecem ir ao encontro do que Bernstein (1996) destaca quando adverte que no processo de integração curricular os conteúdos precisam estar, em alguma medida, subordinados a temas mais amplos como é o caso do NT Reprodução, Corpo e Sexualidade. O autor considera que o abrandamento das fronteiras disciplinares pode conferir a docentes e discentes maior iniciativa, integração dos conhecimentos escolares com os conhecimentos cotidianos dos alunos. Tal projeto de integração poderia fornecer aos discentes uma aprendizagem mais ampla sobre a pauta, abrangendo fatores biológicos, sociais e culturais.

Para a questão aberta, opcional, onde os estudantes poderiam sugerir estratégias outras para a abordagem da temática (Figura 11), eles incentivam o uso de mecanismos dinâmicos e interativos, como a elaboração de mesas redondas e palestras que gerem debates. Entre as sugestões também está a abordagem por meio do teatro e a apresentação de filmes, séries e documentários sobre atualidades e eventos históricos da sexualidade. Interessante notar que em todas as opções fornecidas pelos estudantes está a participação ativa deles. Uma demanda marcante da juventude de hoje que reclama mais tempo e espaço de reflexão sobre seus desejos, mais informações sobre o contexto social em que se inserem, bem como um ensino que se aproxime da realidade cotidiana do universo escolar e do mundo do trabalho (LEÃO, DAYRELL, REIS, 2011). Com uma questão tão importante como a sexualidade não poderia ser diferente, por vivermos um tempo de quebra de paradigmas e mudanças de lugar tradicionalmente postos e engessados, e ter elementos para se localizar e construir um rumo para sua vida é fundamental.

Por fim, para a questão que pedia aos estudantes que explicassem a diferença entre sexo e gênero (Figura 12) foi formada apenas uma categoria porque todos os discentes explicaram corretamente tal distinção. As outras duas categorias foram formadas por aqueles que disseram expressamente não saber ou não responderam.

Cabe ressaltar que entre as sugestões para abordagem do tema (Figura 11) está, também, o convite a pessoas que poderiam fornecer depoimentos e relatos pessoais de suas vivências em determinadas situações, possivelmente com a finalidade de encorajar alunos em situação semelhante e potencializar sua leitura de realidade e em alguns casos maximizar sua recuperação. Interessante notar que essa sugestão evidencia uma demanda importante, a necessidade de vivenciar novos contexto de aprendizagem. Nesse sentido, os alunos envolvidos na pesquisa trouxeram uma proposta de vivência que se mostra com potencial de impulsionar a conscientização, reflexão e amadurecimento da comunidade escolar. Assim como “a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura” (LAROSSA, 2017 p. 5), operamos com a ideia de que são as experiências que podem constituir e orientar um rico repertório de novos conhecimentos, valores, sentimentos e cenários.

Este é um aspecto fundamental para o ensino de Biologia, visto que os jovens estudantes estão na idade de problematizar e que esta fase da vida é especialmente importante por estarem na etapa final da Educação Básica, trocando com outros jovens, assim como com os professores, importantes informações e reflexões.

5 Considerações finais

Operando a partir de uma perspectiva que olha para a escola por dentro considerando sua história, particularidades e demandas sociais atendidas e associadas. Centramos nossa atenção não no que lhe falta somente, mas no que possui e nos esforços que se pode empreender sobre o que deve ser melhorado. Neste sentido, compreendemos que as tecnologias curriculares oferecidas representam um avanço significativo em direção a um ensino de Biologia mais libertário e democrático, capaz de fazer despertar nos estudantes sentimentos de acolhimento e pertencimento ao trabalhar com essa temática. Perspectiva que se encontra com apontamentos sugeridos por Azevedo, Borba e Selles, (2020, p.51) quando ressaltam a necessidade cada vez mais premente de tensionar o trabalho em sala de aula com as sexualidades, a fim de explorá-las de modo multidimensional e intercultural, entendendo as diferenças nas identidades sexuais e de gênero enquanto conhecimentos escolares.

Por outro lado, também nos cabe reconhecer que ainda estamos iniciando uma longa caminhada. Que apesar dos avanços proporcionados, os resultados mostram que o ensino de Biologia na instituição ainda não atende totalmente as novas demandas em relação à sexualidade. A partir dessa perspectiva, compreendemos que se torna necessário intensificar e diversificar a intervenção/mediação pedagógica no sentido de produzir novas e diferentes estratégias didáticas. É preciso repensar de forma articulada os níveis e formas de abordagem sobre a temática Reprodução, Corpo e Sexualidade. Nesse sentido, esperamos contribuir para a



construção de uma sociedade mais democrática e dialógica pautada na valorização dos diferentes saberes, sobretudo, na disseminação do saber científico e acolhimento das minorias.

É importante considerar que os dados aqui trabalhados são também uma fonte oportuna de crescimento e diálogo junto aos colegas professores de Biologia da unidade, uma vez que o assunto é complexo e exige bem mais do que atualizações. Compreendemos que nem todos se sentem confortáveis ou dominam os assuntos relacionados a sexualidade no que se refere aos afetos, às questões de gênero (identidade e expressão de gênero, para além dos papéis de gênero) e de orientação sexual. É neste sentido que entendemos/pensamos este estudo como uma espécie de ponte entre o ensino de Biologia que temos hoje e o um ensino de Biologia que queremos, mais humanizado, articulado e atendo às novas demandas dos dias atuais.

A preocupação e o interesse dos estudantes pelas formas de prevenção e contágio das IST associadas às diferentes dimensões da sexualidade vêm nos lembrar que a clássica recomendação de se utilizar a camisinha nas relações sexuais não pode mais ser baseada somente em relações penetrativas heterossexuais. O expressivo percentual de estudantes que se declararam pertencentes a sexualidades dissidentes, muitas vezes invisibilizadas, deixam evidente o imperativo didático de assumirmos, enquanto professores, a tarefa de dialogar sobre as relações homoafetivas e do sexo oral como fontes de prazer, mas também de transmissão de IST. Lembrar e ensinar nossos estudantes sobre o uso de preservativos de acordo com as novas demandas. Por exemplo: que com a camisinha pode ser feita uma espécie de “toalhinha” (após aberta longitudinalmente) para a prática do sexo oral entre mulheres. Conversar com nossas meninas, mostrar que precisam ser donas de sua sexualidade, para não ficar à mercê de seus parceiros, é imprescindível. Para isto precisamos ajudar a mudar a cultura de que o menino é que tem que portar a camisinha. Sabemos que não é fácil ou simples para o conjunto de professores, mas é uma demanda incontornável para a educação sexual que dialogue com nossos jovens.

Outro ponto importante que o estudo revela para um ensino humanizados das ciências é a necessidade premente da produção de estratégias didáticas abrangentes e interessantes ao olhar dos estudantes, ou seja, aquelas que promovam a inclusão das diversidades sexuais e o amplo debate, mantendo-se o comprometimento pedagógico do processo de ensino dentro de sala de aula, assim como é importante a criação de atividades que ultrapassem os limites curriculares da disciplina escolar Biologia. Neste sentido, compreendemos que o currículo para o ensino de Biologia aqui apresentado é um avanço considerável, uma vez que foi pensado e projetado para o diálogo com outras áreas do conhecimento. A busca pelo abrandamento das fronteiras disciplinares pode ser considerada uma marca deste currículo (AZEVEDO, 2014).

Sendo assim, “o ensino de uma ciência integrada serve para que alunos e alunas analisem os problemas, não só da perspectiva de uma única e concreta disciplina, mas também do ponto de vista de outras áreas do conhecimento” (SANTOMÉ, 1998, p. 113). Compreendemos que a promoção de atividades de ensino integradas e articuladas a outras disciplinas escolares propiciaria maior interação e uma abordagem amplificada do tema, na



medida em que criaria espaços multidimensionais de discussão da sexualidade ao longo do Ensino Médio.

No que se refere exclusivamente ao papel da disciplina escolar Biologia e ao que seu corpo docente pode fazer de imediato, é assumir para si a tarefa coletiva de praticar um ensino de Biologia mais humanizado, isto é, que se pretende ser socialmente relevante, justo e emancipatório. Desta forma temos como imperativo didático não dissociar os aspectos sociais e culturais da dimensão biológica, afinal, não existe o biológico separado do todo, como nos lembraram Horton e Freire (2016).

Agradecimentos

Os autores agradecem a Instituição pelo apoio no desenvolvimento desta pesquisa e a professora Maria Cristina Giorgi pelo auxílio imprescindível. Contudo, cabe destacar que este estudo contou com a colaboração de um estudante que doravante denominamos Raony Chinavane. Este é um nome fictício com significado “o grande guerreiro que espalha a notícia”, que traduz a intencionalidade de divulgação deste estudo. Raony é um ex-aluno da escola que ambienta a investigação, tendo desenvolvido o projeto de pesquisa que coletou e analisou parte dos dados aqui apresentados. Hoje Raony é militar (estudante) e que por medo de represálias optou por permanecer anônimo neste estudo, porém não se furtou de lutar pela liberdade por meio do diálogo e do acesso à informação. A ele nosso agradecimento.

Referências

ANDRADE, Marcela Pereira; SILVA, Maria. Adelane; SIQUEIRAS, Danielle D'Ávila; MENDONÇA, Glicia; ABREU, Leidy Daiane. Promoção da saúde sexual e reprodutiva de puérperas adolescentes: abordagem educativa baseada nos círculos de cultura de Paulo Freire. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 11, n. 1, 2012.

AZEVEDO, Maicon; BORBA, Rodrigo Cerqueira do Nascimento; SELLES, Sandra Escovedo. Ameaças à profissão docente no Brasil: desafios ao ensino de Ciências e Biologia em debate. **Fronteiras & Debates**, v. 7, n. 2, p. 43-57, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18468/fronteiras.2020v7n2.p43-57>

AZEVEDO, Maicon. **Avaliação no contexto da Educação Profissional e Tecnológica**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 8., 2018. Anais... Belém, PA, 2018. **Tema: O que a vida tem a ensinar ao ensino de biologia?** v. 1. p. 5626-5635

AZEVEDO, Maicon. **Articulando diálogos entre o currículo e a educação profissional e tecnológica no CEFET/RJ: tecendo uma proposta**. Curitiba: Ed. Prismas, 2014. p.164-185. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/347535624_Articulando_dialogos_entre_o_Curriculo_e_a_Educacao_profissional_e_Tecnologica_no_CEFETRJ_tecendo_uma_proposta

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Ed. Revista e Ampliada, 2011.



- BAUMFELD, Tiago Soares et al. Autonomia do cuidado: interlocução afetivo-sexual com adolescentes no PET-Saúde. **Revista brasileira de educação médica**, v. 36, p. 71-80, 2012.
- BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BRASIL. Planos Nacionais de Direitos Humanos (PNDH, PDNH II e PNDH III). **Decreto Nº 7.037**. Brasília, DF, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico HIV-AIDS. **Bol Epidemiol.**; v. 1, n. 1, p. 1-60, dez., 2012.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacional do Ensino Profissional e Tecnológico, CNE, **Resolução nº 5/2011**, DOU. Brasília, DF, 2012.
- CIAVATTA, Maria. A formação integrada a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Revista Trabalho Necessário**, v. 3, n. 3, 2005.
- COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, p. 893-910, 2015.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; POCAHY, Fernando Altair. Gênero, sexualidade e juventude (s): problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 1, p. 124-137, 2018.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1129-1152, 2007.
- GOODSON, Ivor. **O Currículo em mudança**. Estudos na construção social do currículo. Porto: Porto Editora, 2001.
- GOODSON, Ivor **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- HORTON, Myles; FREIRE, Paulo. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte, MG, Autêntica, 2017.
- LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, v. 32, p. 1067-1084, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0101-73302011000400010>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- LOPES, Alice Casimiro. Discursos curriculares na disciplina escolar química. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 11, p. 263-278, 2005.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARIUZZO, Terezinha. **Formação de professores em orientação sexual**: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. Bauru, SP. 2003.

MACEDO, Senei da Rocha Henrique; MIRANDA, Francisco Arnaldo Nunes; PESSOA JÚNIOR, João Mário; NÓBREGA, Vannucia Karla de Medeiros. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 103-109, 2013.

MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SANTANA, Margarida Carvalho; WALDHELM, Mônica de Cássia Vieira. Abordagem da sexualidade humana em livro didático de ciências-desvelando os bastidores de uma proposta. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 2, n. 2, 2009. DOI: <https://doi.org/10.22409/resa2009.v2i2.a21040>

SANTOMÉ, Jurjo Torres **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politecnia. **Trabalho, educação e saúde**, v. 1, p. 131-152, 2003.

VALENÇA, Cristiana Rosa; CARVALHO, Keila Lúcio Gênero, sexualidade e protagonismo juvenil: relato de uma experiência no CEFET-RJ. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 20, p. e10516, 2021. DOI: 10.15628/rbept.2021.10516. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/10516> . Acesso em: out. 2022.

Recebido em outubro de 2022.
Aprovado em novembro de 2022.

Revisão gramatical realizada por: Maria Cristina Giorgi
E-mail: cristinagiorgi@gmail.com

